

## Um Ano da Guerra na Ucrânia

A 24 de Fevereiro de 2022, o Presidente da Rússia Vladimir Putin deu início àquilo que designou de “operação militar limitada em território ucraniano”, evitando utilizar os termos “invasão” e “guerra” para descrever o conflito. Um ano depois, ficou mais que provado que esta suposta operação militar limitada traduzia-se, na verdade, num verdadeiro conflito bélico, alastrou-se a guerra até os dias de hoje. Como é que a resiliência ucraniana mudou os planos do ditador russo? Onde estamos hoje? E qual a previsão para o fim da guerra? Abordaremos, de seguida, todos estes tópicos.

Como os planos de Putin mudaram?

Nos dias que antecederam o fatídico 24 de fevereiro, pesava no pensamento do presidente russo a ideia de que o Ocidente, em particular a NATO, estaria dividido(a) e enfraquecido(a). É reportado também que, aconselhado por generais do alto escalão russo, o presidente Putin julgava que as tropas russas seriam recebidas “de braços abertos” pelo povo ucraniano, sobretudo em regiões culturalmente próximas da Rússia. Todos estes fatores levaram à invasão russa no início de 2022.

No entanto, as previsões feitas pelo Kremlin não se concretizaram, uma vez que os países ocidentais rapidamente se mobilizaram para a entrega de armas e ajuda humanitária ao povo ucraniano, impondo ainda fortes sanções sobre a economia russa. Por outro lado, a NATO demonstrou-se indivisível e reafirmou o seu compromisso de defesa a “cada centímetro do território dos seus países-membros”. Não obstante, a resiliência do exército ucraniano (que agora possuía armamento pesado proveniente dos países ocidentais) foi talvez o aspeto mais importante para a quebra de expectativas do Governo russo.

Após perdas significativas nos campos de batalha de Kyiv, Oblast, e Chernihiv, a esperada tomada de Kiev numa “questão de dias” não se concretizou para os russos, que não tiveram alternativa senão retirar-se das regiões. Por estes motivos, o Kremlin viu-se obrigado a anunciar uma revisão dos seus objetivos, agora centrados na conquista das regiões de Luhansk e Donetsk – a chamada “libertação do Donbass”.

Ucrânia: 1 ano depois

Após um ano da invasão, a Ucrânia apresenta-se lesada. Os bombardeamentos que atingiram infraestruturas e construções civis, somados à atividade bélica nas linhas de frente dos campos de

batalha, levaram à morte de milhares de ucranianos, deixando milhões desabrigados. A estimativa apresentada pelo governo ucraniano indica que pelo menos 13,000 soldados perderam a vida no conflito, enquanto o número de refugiados da guerra atinge 8 milhões de pessoas, denunciando a maior crise migratória na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. No entanto, pesquisas indicam que o apoio popular pelo “esforço de guerra” apenas cresceu desde o início do conflito, apontando-se no sentido de “lutar até a vitória”. Economicamente, a Ucrânia manteve-se estável após o choque inicial da guerra, o que, no entanto, não impediu que o PIB contraísse em cerca de 1/3 no ano de 2022. Apesar disto, o sentimento popular de crença nas instituições do país aumentou, segundo apontam pesquisas, não tendo a crise económica trazida pela guerra alastrado, por enquanto, a uma crise social.

Rússia: 1 ano depois

Um ano após o início da guerra, e dadas as alterações forçosas nas suas pretensões, o governo russo procura agora abafar a insatisfação geral dos seus cidadãos em relação ao conflito.

- As restrições nas liberdades políticas dos cidadãos russos acentuaram-se desde fevereiro de 2022.
- Movimentos populares levados a cabo por nacionais e líderes da sociedade civil russa continuam a ocorrer, tendo sido, porém, brutalmente reprimidos, não representando qualquer ameaça ao poder de Putin e à sua capacidade para manter a guerra acesa.
- Na economia, a contração do PIB do país em cerca de 2,1% em 2022 não se revelou o “colapso económico” esperado por alguns especialistas ocidentais.

O uso de forças estatais de repressão contra demonstrações anti-guerra, durante os meses iniciais do conflito, mostrou-se bastante efetivo. As restrições nas liberdades políticas dos cidadãos russos acentuaram-se desde fevereiro de 2022, assim como a censura de veículos de mídia independentes, designados como “agentes estrangeiros”. Movimentos populares levados a cabo por nacionais e líderes da sociedade civil russa continuam a ocorrer, tanto dentro como fora do país. No entanto, estes não representam qualquer ameaça ao poder de Putin e à sua capacidade para manter a guerra acesa.

Na economia as sanções ocidentais impuseram um custo aos russos pelo conflito, mas a contração do PIB do país de cerca de 2,1% em 2022 não se revelou o “colapso económico” esperado por alguns especialistas ocidentais. Para além disso, o FMI projeta um crescimento modesto de 0,3% na economia russa em 2023, longe de qualquer desastre económico. Entende-se que tais resultados se

devem, em grande parte, ao importante papel desempenhado pelos russos na cadeia produtiva global, enquanto exportadores de recursos naturais.

### Mudanças na Europa

A guerra provocou, de igual modo, efeitos no resto do continente europeu, que vive seu maior conflito armado desde 1945. Países já pertencentes à NATO passaram a dar uma nova importância aos gastos destinados à defesa nacional. A Alemanha, por exemplo, aumentou significativamente o seu orçamento de defesa, de cerca de 1,5% para mais de 2% do PIB. A Polónia e outros países limítrofes da Ucrânia anunciaram a compra de aviões e armamento pesado. Ainda assim, a mudança mais significativa veio por parte dos países escandinavos – Suécia e Finlândia – que, após anos de neutralidade em relação à NATO, iniciaram o processo de integração nesta organização. Tal alteração foi particularmente crítica devido à proximidade dos dois países com a Rússia.

Além de mudar a perspectiva da necessidade de autodefesa pela Europa, a guerra também trouxe choques económicos para o continente europeu, em especial para os países da União Europeia que até ao momento da invasão tinham a Rússia como principal fornecedor energético. Com a guerra e as sanções, o governo russo cortou grande parte do fornecimento de gás natural aos países do bloco. Assim, as 27 nações da UE reduziram o uso de gás em 19,3% de agosto a janeiro em comparação com a média de cinco anos para o mesmo período. Esse cenário fez com que a dependência europeia da energia russa (um fator visto estrategicamente como uma vulnerabilidade) fosse abruptamente terminada, trazendo, não obstante, desafios para que os países europeus encontrassem soluções criativas para o fim da crise energética.

### Sem fim em vista

Um ano após a invasão inicial, o conflito continua a arrastar-se sem fim à vista, com as partes ainda distantes de um eventual acordo de paz em termos aceitáveis. Assim, enquanto o presidente russo prepara o seu país para uma longa guerra cuja vitória deve ser formada “passo a passo”, o presidente da Ucrânia Volodymyr Zelensky é irredutível na sua convicção de que a Ucrânia não abrirá mão da sua integridade territorial (rejeitando qualquer acordo de paz que envolva a perda de territórios pertencentes à Ucrânia antes de fevereiro de 2022). Ao mesmo tempo, o presidente americano Joe Biden, visto como a principal liderança do ocidente, reitera que a NATO “não irá se

cansar do conflito” e continuará determinada a dar ao exército ucraniano as condições necessárias para a garantia da vitória no campo de batalha. Com isso, negociações para a resolução do conflito, como os planos apresentados pela China ainda no mês passado, ganham pouca aderência, e, infelizmente, um fim para o sofrimento de milhões de pessoas envolvidas diretamente na guerra (sobretudo o povo ucraniano), não está em vista, pelo menos a curto prazo.